# “ESCREVER EU CONSEGUI MAS A CARTA EU FIZ MORRER”: EVENTOS TRAUMÁTICOS DA PERSONAGEM FEMININA NA OBRA *O PESO DO PÁSSARO MORTO*, DE ALINE BEI

Mariana da Silva Mota[1]

Maria Aurinívea Sousa de Assis[2]

**RESUMO**

A literatura contemporânea tem uma gama de estilos de textos literários e proporciona uma forma de escrita mais livre, além de promover discussões sobre temáticas da atualidade. Partindo dessa premissa, este trabalho busca analisar os eventos traumáticos vivenciados pela personagem feminina de *O peso do pássaro morto,* de Aline Bei, considerando a construção da narrativa, a sua forma livre e poética, além dos temas em questão como a relação com a morte, o estupro, a maternidade e o suicídio. Para fomentar esses eventos traumáticos, a pesquisa baseia-se nos fundamentos do psiquiatra Sigmund Freud (1915), do sociólogo Pierre Bourdieu (2002) e dos demais autores como Santana (2022), Dos Santos (2021) César, Loures e Andrade (2019), entre outros. Partindo dessa fundamentação teórica, entende-se que os eventos traumáticos evidenciados na obra são refletidos no futuro da personagem, tornando-a amargurada e depressiva, desejando apenas morrer. O contemporâneo que revela as nuances da realidade da personagem feminina afetada pela violência e pela solidão. A “desromantização” da maternidade e a relação com a morte também são parte dessa narrativa.

**Palavras chaves:** Eventos Traumáticos; Literatura de autoria feminina contemporânea; Aline Bei.

**ABSTRACT**

Contemporary Literature has an immense range of styles of literary texts and provides a freer way of writing, in addition to promoting discussions on current themes. Based on this premise, this work seeks to analyze the traumatic events experienced by the female character of Aline Bei's O peso do Pássaro Morado, considering the construction of the narrative, its

[1] Graduanda em Letras Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

[2] Professora de Literaturas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/Ceará), do Instituto de Linguagens e Literaturas. Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia – UFBA.

free and poetic form, in addition to the themes in question such as the relationship with death, rape, motherhood and suicide. To foster these traumatic events, the research is based on the foundations of psychiatrist Sigmund Freud (1915), sociologist Pierre Bourdieu (2002) and other authors such as Santana (2022), Dos Santos (2021) César, Loures and Andrade (2019) , between others. Based on this theoretical foundation, it is understood that the traumatic events evidenced in the work are reflected in the character's future, making her embittered and depressed, wanting only to die. The contemporary that reveals the nuances of the reality of the female character affected by violence and loneliness. The "deromanticization" of motherhood and the relationship with death are also part of this narrative.

**Palavras-chaves:** Traumatic Events; Contemporary female authorship literature; Aline Bei.

## 1. Introdução

A narrativa da obra *O Peso do Pássaro Morto*, de 2017, surge, segundo a própria Aline Bei, em uma oficina-concurso de criação literária ministrada pelo escritor brasileiro Marcelino Freire. Bei conta, em entrevista ao canal do YouTube, oCiclorama, que a experiência foi bastante enriquecedora, porque a cada novo capítulo que era escrito pelos participantes, havia uma troca imediata entre eles. Naquele espaço, eles podiam trocar experiências de escrita e, além disso, apreciar a criação de cada narrativa. O processo criativo de um romance costuma ser solitário e muito íntimo para o escritor, porém, esse livro em específico percorre um caminho bem diferente do que se vê por aí, pois, a cada passo dado durante a criação da narrativa, Bei compartilhava a sua escrita com os demais participantes orientados por Marcelino.

Mas, quem é Aline Bei? Paulista, formou-se em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Artes Cênicas pelo Teatro Escola Célia-Helena e, com apenas 35 anos, a autora publicou o seu primeiro romance através do Prêmio Toca, criado por Freire, o que possibilitou este primeiro livro, o "Prêmio São Paulo de Literatura 2018" na categoria "Melhor Romance de Autor Estreante com menos de 40 anos". O prêmio foi um grande marco na carreira da jovem escritora. Logo em sua primeira publicação ser reconhecida desta

forma, sem dúvidas, foi essencial para que Aline Bei caísse na graça da crítica literária, além dos leitores brasileiros que devoraram este livro de 168 páginas com muito gosto e melancolia.

Além de *O peso do pássaro morto*, Bei publicou, em 2020, um conto no formato eBook que trata sobre a grande problemática da vida contemporânea: a solidão, que ela considera algo inegável na condição humana. O conto é intitulado como *Rua sem Saída (Formas Breves*). Já em 2021, ela publicou o seu segundo romance, intitulado *Pequena coreografia do adeus*, que retoma o tema da vivência feminina. Nessa narrativa, Bei traz uma personagem marcante, Júlia Terra, filha de pais separados que carrega durante a sua vida traumas causados pelas relações interpessoais e pela dura convivência com a sua mãe. Percebe-se, portanto, que a maior característica até então da escrita de Bei é tratar de temas profundos, ao mesmo tempo em que ambos recebem linguagem curta e direta.

Um ponto bastante interessante na carreira de Bei é como ela virou uma autora de *best-seller*, promovendo o seu livro de forma orgânica, pelas suas redes sociais, fazendo sempre um contato muito direto com seus leitores e admiradores. Isso, também, proporcionou a Bei um alcance muito maior, fez com que ela fosse responsável por comercializar mais exemplares que a própria editora do livro. A sua trajetória não para por aí, atualmente, a autora é editora e colunista do site cultural OitavaArte, além de ministrar oficinas de escrita criativa.

A escritora conta, em entrevista para o site Pitaya Cultural, que a narrativa do romance nasce a partir do título e faz referência a um acontecimento de sua infância. Ela e a família criavam um pássaro em casa e, um dia, sua mãe pediu-lhe que segurasse ele por um instante, porque precisava aparar as unhas do passarinho. Enquanto sua mãe pegava o cortador, Aline percebeu que o pequeno pássaro havia morrido de susto em sua mão. O primeiro contato com a morte trouxe-lhe uma sensação estranha, presenciar a partida do inocente pássaro foi um dos motivos que a fez escrever dentro dessa temática. Não que ela quisesse relatar esse episódio de sua vida, mas queria tornar público a melancolia que contém os momentos de perdas e partidas e que são vivenciadas diariamente e em diferentes contextos na vida das pessoas. A melancolia é a característica mais evidente em suas obras. Bei mergulha bem fundo no que diz respeito à solidão e a experiência com o luto.

O livro *O peso do pássaro morto* quebra alguns paradigmas da literatura tradicional brasileira. Uma autora influenciada pelo teatro e pela poesia tem, também, como característica em suas obras uma linguagem própria, além de possuir uma estrutura poética, o que é bastante incomum, já que não se trata de um livro com poesias. O livro se configura como romance e é com muita maestria que Bei conduz a narrativa da obra. Nem poema, nem prosa, a construção do enredo se dá pelo jogo de palavras e linhas curtas que a autora exprime no livro. Ao mesmo tempo em que a leitura é curta e simplificada é bastante profunda, dado o contexto das temáticas fortes que são tratadas e do trabalho de linguagem.

Outra característica da autora é que os seus livros são protagonizados exclusivamente por mulheres e que abordam, também, sobre traumas vivenciados por essas protagonistas. Ao ser mulher e dar vida à personagem feminina, mesmo que não se tenha vivenciado, de fato, todos os traumas presentes na obra, como o abuso, o estupro, o abandono, a solidão e o suicídio, perceber-se uma escrita de cunho feminista em sua obra, assim como ocorre em outras obras contemporâneas que abordam personagens e protagonistas femininas e que também são escritas por mulheres. A criação de personagens femininas requer um entendimento sobre os lugares do feminino, suas dores e seus anseios, a experiência mundana, as emoções e as sequelas desses eventos traumáticos na vida das mulheres.

O que também chama atenção na narrativa de Bei é que a protagonista de *O Peso do Pássaro Morto* não é nomeada, mas isso não significa que ela não tenha uma identidade, já que a autora constrói durante todo o enredo a trajetória da personagem e pontua bem a sua personalidade. Cabe, então, analisar as vivências dessa mulher sem nome desde a sua infância até a sua morte. Os traços infantis e os traços da vida adulta são bem destacados no romance e os acontecimentos são relatados de maneira enxuta, o que causa um espanto no leitor, pois, quando você menos espera, algo trágico acontece e você precisa engolir à seco o que a personagem vivencia.

Diante dos aspectos discutidos sobre o perfil e interesses de escrita de Aline Bei, este trabalho objetiva analisar os acontecimentos traumáticos vivenciados pela personagem e discutir como esses acontecimentos atingem o público feminino, além de destacar o protagonismo de mulheres na literatura contemporânea brasileira e o papel que elas exercem na sociedade. A preocupação que Bei tem em tratar temas tão pertinentes e tão delicados é

imprescindível para a literatura contemporânea e para refletir como hoje mulheres escrevem sobre mulheres e como as discussões e temáticas que envolvem violência, abuso e injustiça estão cada vez mais em pauta. Tais debates, sem dúvida, também colaboram diretamente para o fortalecimento do feminismo brasileiro.

## 2. "Queimei a língua que morreu/ até de noite"

Para tratar de *O peso do pássaro morto*, inicia-se destacando dois aspectos que se trançam na escrita do romance: os diversos desafios, situações e violências que esse corpo de mulher se defrontará e que marcarão a sua experiência que, também, pode ser lido como relato coletivo metaforizado por essa mulher não nomeada que, no anonimato, torna-se representação da história silenciada de tantas mulheres. Outro aspecto a salientar é o modo como a linguagem está elaborada, experiência na qual a trajetória da protagonista está inscrita.

A autora entrega uma personagem anônima em diferentes tempos e os capítulos são divididos de acordo com a idade da personagem: ela aos oito, dezessete, dezoito, vinte e oito, trinta e sete, quarenta e oito, quarenta e nove, cinquenta e, por fim, cinquenta e dois anos. Bei teve como referência o romance *Aos 7 e aos 40*, de João Anzanello Carrascoza (2013), que também organizou a narrativa em dois tempos referentes às idades.

No primeiro capítulo, a narrativa é expressamente infantil, o que se percebe no ritmo em que o enredo é contado pela narradora, parece sempre acelerado e às vezes desconexo, característico de uma criança contando uma história, afinal, a personagem tem apenas 8 anos. Além dessa característica, há uma outra que é a percepção aguçada da criança, que está sempre atenta aos detalhes:

> seu Luís é um velho sabido com cheiro de grama.
> acho que o desodorante dele/
> é verde.
> [...] a casa que ele mora
> tem muita árvore antes de começar pela
> Sala
> de sofá
> cinza e um eterno presépio

que fica o ano inteiro na mesa do centro
com o menino jesus fora
da manjedoura (BEI, 2017, p.7).

A percepção da menina proporciona uma visão do espaço em que se configura a narrativa e a linguagem transmite um elo com a infância de cada leitor, afinal, quem nunca acreditou que a chuva que caía do céu se tratava de lágrimas do criador? O lúdico sempre se mantém presente durante a passagem da infância

a escola inteira
chorou, inclusive o banheiro. estourou um cano e
disseram que era vazamento mas
pra mim
aquilo era a parede chorando (BEI, 2017, p.18)

Percebe-se que a trama que se inicia na infância é uma primeira amostra de uma história profunda que vem logo em seguida. Bei proporciona, através desse modelo, de começar pela infância, o adentramento às causalidades da vida adulta. Tratar a infância como ponto principal para o significado da vida. Será que a solidão é uma característica apenas da vida adulta? Será que o sofrimento e a sensibilidade só são sentidas na juventude em diante? “pensei que a carla voltaria quando cansasse de morrer/ e imitaria as borboletas no pátio pro meu medo passar/ Fiquei esperando.” (BEI, 2017, p.19)

Este é o primeiro contato que a perspectiva da criança no conto tem com a morte, sem ao menos saber o que, de fato, ela significa: um evento traumático, do hoje ser e amanhã não mais. Carla, a melhor amiga da protagonista, morre após ter sido atacada por um cachorro, o que é de se espantar, pois da narrativa infantil não se espera que uma morte seja revelada desta forma: “na portaria do colégio,/ eu atrás/ procurando os/ rastros/ e de repente/ ela morreu”. Percebe-se a naturalidade na fala da menina, que acabou de perder alguém muito importante em sua vida. De acordo com Sigmund Freud, em Luto e melancolia (1915):

> O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o

> ideal de alguém, e por assim diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos de que essas pessoas possuem uma disposição patológica. Também vale a pena notar que embora o luto envolva graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida, jamais nos ocorre considerá-lo como sendo uma condição patológica e submetê-lo a tratamento médico (FREUD, 1915, p. 249).

Na perspectiva freudiana, vivenciar o luto na infância pode causar muitos traumas no futuro, por isso, requer-se mais cuidados e precauções dos responsáveis, porém os familiares não sabem ao certo o efeito que a perda pode causar no desenvolvimento de uma criança. E como explicar para uma criança o significado da morte? A mãe da garota anônima também não sabia como dizer:

> - o que é morrer?
>
> ela estava fritando bife pro almoço
>
> - o bife
> é morrer, porque morrer é não poder mais escolher o que farão com a sua carne.
> quando estamos vivos, muitas vezes também não escolhemos.
> mas tentamos.
>
> almoçamos a morte e foi calado (BEI, 2017, p.21).

A morte, por falta de explicação, passa a ter outros significados para a menina que nem percebe do que se trata: “pedi café por favor, ela disse que isso não era bebida de criança, mas hoje/ tudo bem e/ me deu,/ queimei a língua que morreu/ até de noite” (BEI, 2017, p.31) A mãe da pequena personagem, visto que a filha tão nova já enfrentava uma grande perda, prefere esconder que um grande amigo também havia falecido: “voltei pra casa chamando mãe,/ - cadê o seu luís?” (BEI, 2017, p.45). A resposta que se espera é consumida visualmente por uma grande parte da página vazia, uma pausa reflexiva, desenhando na página mais uma perda “ela não tinha me contado nada porque/ achou que/ era muita morte pra eu saber de uma vez só” (BEI, 2017, p.45).

A professora e especialista em psicologia Katiuscia Carvalho de Santana explica como a falta de informações na infância em relação à morte de um familiar muito próximo pode

ocasionar futuros traumas na vida adulta. Em seu artigo científico *O vivenciar do luto*, a autora escreve:

> Outra dificuldade enfrentada pelos sobreviventes é ocultar sua dor para as crianças, eles têm medo de ser muito perturbador para elas. Mas pelo contrário, o filho é muito sensível ao que está sendo demonstrado pelo genitor, se o pai esconde suas emoções, seu filho também esconderá, se aquele preferir o silêncio, este mais cedo ou mais tarde abandonarão as perguntas. Esse obscurecimento de informações sobre a morte resulta em confusão e patologia às crianças (CARVALHO SANTANA, K. 2022).

A narrativa durante a infância é singela e, de certo modo, até leve, visto que a temática de morte e perdas que são relatadas, é contada com tanta ingenuidade que acaba proporcionando uma leveza para a leitura. Por outro lado, é profundo e melancólico, desde a infância as perdas acontecem com muita frequência para a personagem, ninguém nunca está preparado para a morte, principalmente uma criança. O susto que o leitor leva ao se deparar com a morte de Carla, proporciona uma experiência de como a forma com a qual a morte é contada pode afetar no processo de amadurecimento psicológico de uma pessoa e desencadear futuros traumas na vida adulta.

## 3. "Entre a reza e o pulo": sob a dominação masculina

A personagem anônima do romance de Bei escancara a trágica vivência de mulheres em uma sociedade completamente patriarcal e machista. A cobrança que as mulheres enfrentam, sobre como devem se vestir, como devem se comportar, com quem devem andar ou falar nunca deixou de existir e, atualmente, pode até apresentar alguns traços sutis, mas que é extremamente nociva. Isso não se trata de um caso isolado, mas, certamente, de um comportamento estrutural, porque enquanto homens são livres, até mesmo na infância, as mulheres, ainda que meninas, são predestinadas à submissão em qualquer eixo de suas vidas. Passada a fase da infância traumática da personagem, a autora parte para a fase da adolescência, na qual são tratadas algumas características de uma garota adolescente, como o show de rock, os amigos, as paixões e uma possível liberdade, o que essa menina anônima não esperava é que essa fosse a fase mais curta de sua vida.

Essa fase pode ser considerada a melhor fase da vida, quando não há grandes preocupações. Os homens tomam todo o espaço e passam a dominar, inclusive nas relações, nas quais não permitem ser contrariados, muito menos se sentirem traídos, a honra é muito importante para a personalidade masculina e ela não pode ser quebrada. Para o Pedro namorado da protagonista, a garota lhe pertencia, portanto, deveria sempre obedecê-lo e colocá-lo sempre como prioridade. A anônima como uma boa jovem, vivendo intensamente cada momento, decidiu permitir-se a novas experiências, o que na cabeça de Pedro e do restante da sociedade aparece como desrespeito e traição:

> fechei os olhos
> pra morrer a 3.
> tinha conhecidos do colégio no show da banda
> moda.
> alguém
> tirou 1 foto do beijo triplo
> e mostrou pro Pedro na segunda-feira que, aos
> gritos, socou o ar dizendo:
> - puta.
> eu gostava de você, sua
> P u t a! (BEI, 2017, p.51 e 52).

Neste trecho, entende-se que um beijo a três entre amigos adolescentes é o suficiente para definir a integridade de uma mulher, assim fazendo com que um espaço seja aberto para que ela seja agredida verbalmente pela sociedade. Aos meninos, é ensinado que, desde cedo, devem paquerar meninas, que não podem chorar para não mostrar fragilidade e de maneira alguma podem fazer tarefas que são destinadas às mulheres, como a limpeza da casa, ou até mesmo arrumar a própria cama. Às meninas, é ensinado como brincar de “casinha”, como ser “mãe” de uma boneca e, quando estão um pouco mais crescidas, já executam as tarefas do lar, além disso, ensinam-lhes a nunca e de maneira alguma levantar a voz para uma figura masculina.

A sexualidade, por exemplo, enquanto é naturalizado de modo precoce para os meninos, para as meninas é um verdadeiro tabu. Além disso, a posição de inferioridade enfrentada pelas mulheres em todos os âmbitos é muito frequente. Enquanto homens estão à frente de grandes empresas e seus rostos são estampados por aí, com salários altos e reconhecimento, por outro lado, as mulheres que muitas vezes exercem a mesma função não são valorizadas e o salário é quase sempre inferior. O sociólogo francês Pierre Bourdieu, fala sobre essa relação de poder entre os dois gêneros em *A dominação masculina* (2002):

> [...] Como se a feminilidade se medisse pela arte de "se fazer pequena" (o feminino, em berbere, vem sempre em diminutivo) mantendo as mulheres encerradas em uma espécie de cerco invisível (do qual o véu não é mais que a manifestação visível), limitando o território deixado aos movimentos e aos deslocamentos de seu corpo - enquanto os homens tomam maior lugar com seu corpo, sobretudo em lugares públicos (BOURDIEU, 2002, p. 39).

Desse modo, podemos afirmar que a violência física, moral e sexual que as mulheres sofrem é desencadeada por essa estrutura machista e misógina. Bei trata temas bem pertinentes na vida de uma mulher marcada pelo tempo e pelos acontecimentos da sua própria vida, narra os sentimentos da personagem principal e não dispensa detalhes quando relata o estupro do qual a sua personagem anônima é vítima. A cena é dura e repugnante, causa mal-estar, um verdadeiro embrulho no estômago, além de promover ao leitor um sentimento de impotência. Ao analisarmos pela perspectiva brasileira, por exemplo, existe um padrão nas características das vítimas nesta "cultura" de abuso sexual: na maioria dos casos são mulheres, menores de idades e os seus agressores, na maior parte das vezes, são conhecidos próximos, ou até mesmo familiares.

> meu grito
> morreu no estômago
> junto com o chute que ele me deu.
> [...]
> entre a reza e o pulo escolhi
> ficar dura
> e estranhamente pronta
> pra morrer (BEI, 2017, p.58).

O comum é que as mulheres confiem nos homens, espera-se, inclusive, dessa masculinidade, uma certa proteção, pois a presença masculina é configurada nesse papel de força e segurança. A personagem ao ouvir a voz do seu ex-namorado, no qual despejava toda a sua confiança, imaginou que ele estaria ali por não conseguir ficar longe dela e que o que havia acontecido não seria suficiente para afastá-lo. Como alguém tão próximo e tão querido pode demonstrar tanta frieza e violência?

Os acontecimentos desta cena desmontam qualquer ideia de proteção e a figura masculina, que antes era amigável, dá vida ao personagem monstruoso, capaz de ferir além do corpo desta jovem anônima, mas, certamente, a sua alma e por toda a sua vida. Não é surpresa para ninguém que, historicamente, os homens dominam os espaços e as relações, independentemente do tempo ou do lugar. O que coloca a mulher cada vez mais em uma posição vulnerável. Bourdieu (2002) explica como os órgãos genitais e seus formatos podem influenciar diretamente na relação de poder que há no masculino sobre o feminino.

> Assim, a definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças. A representação da vagina como um falo invertido, que Marie Christine Pouchelle descobriu nos escritos de um cirurgião da Idade Média, obedece às mesmas oposições fundamentais entre o positivo e o negativo, o direito e o avesso, que se impõem a partir do momento em que o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas (BOURDIEU, 2002, p. 23).

O sociólogo explica como os órgãos genitais são difusores para essa diferenciação de gêneros nos mais diversos eixos, os formatos e tipos aos quais se configuram são determinantes para a dominação de um gênero sobre o outro. Quando o autor aborda, em seu estudo, as condições em que são representados os órgãos genitais, sendo o do homem positivo e o da mulher negativo, explica a razão pela qual o homem é considerado a figura dominante, o negativo é penetrado pelo positivo, o que determina a dominação masculina no âmbito fisiológico. Considerando essa perspectiva, cabe relacionar a cena de estupro com a dominação masculina que é social e ao mesmo tempo fisiológica, o peso do corpo de um

homem sobre a frágil e assustada menina e, por fim, a violência física, sexual e psicológica. Até onde esse trauma poderá acompanhá-la? Talvez seja até o seu fim. E depois?

## 4. “Nenhum sinal de flor”: desmistificando a maternidade.

A maternidade é uma cobrança social e capitalista que estimula a naturalização da maternidade para as crianças, transformando as bonecas destinadas às meninas cada vez mais parecidas com bebês, o que promove uma certa familiaridade com essa fase da vida de uma mulher. O que para muitas mulheres é um grande sonho, para outras talvez não seja uma prioridade. Esse imaginário social de que todas as mulheres sonham com a maternidade e que elas nasceram para isso é problemático e preocupante, porque as mães que acabam não se identificando com a maternidade sofrem com a culpabilização. Antes de tudo é preciso imaginar quem está por trás dessa mãe, afinal, é uma mulher que sustenta esse papel materno que, por sinal, em muitos casos, exerce essa função sem ajuda paterna, tomando para si toda e qualquer responsabilidade, assim como fez a personagem principal do romance: “depois de crescido esse nino era pouco/ pra acalmar seu coração sem pai, ele/ queria mais”.

O abandono durante esse período é muito comum, os pais são ausentes, até mesmo quando estão por perto, isso acontece por muitos motivos, historicamente, cuidar da casa e dos filhos é uma tarefa destinada apenas às mulheres, enquanto os homens estão fora de casa trabalhando. Vale salientar a importância da licença-paternidade que, atualmente no Brasil, varia de 5 a 20 dias, o que é consideravelmente muito pouco, já que durante os meses posteriores, que são de suma importância para o cuidado com o bebê, sobrecarregam a mãe. No entanto, isso ainda é visto como algo positivo, porque o pai pode estar ausente, mas em compensação não abandonou sua família, diferente de muitas famílias brasileiras compostas por apenas uma mãe solo.[3]

---

[3] Definição: Mãe que assume de forma exclusiva todas as responsabilidades pela criação do filho, tanto financeiras quanto afetivas, em uma família monoparental. [A denominação *mãe solo* indica uma forma de parentalidade, desvinculada do estado civil.] Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/mae-solo#:~:text=Defini%C3%A7%C3%A3o%3A,%2C%20desvinculada%20do%20estado%20civil.%5D>

quando um bebê nasce
uma Flor brota
no peito e sai
pelo leite da mãe
é assim
que os bebês crescem
se alimentando dessa
flor invisível
algumas pessoas
chamam ela de
amor
procurei a tal
por nove
meses e depois
no hospital (BEI, 2017, p. 64 e 65).

O número de crianças sem o nome do pai na certidão de nascimento cresce gradativamente no Brasil, só em 2021, cerca de 100.000 crianças não têm registro paterno.[4] As crianças são abandonadas e as mulheres precisam carregar o peso do julgamento social, além de outros fatores como o luto que os autores César, Loures e Andrade (2019) tratam no texto *A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher*. Baseando-se em Halasi (2018), eles afirmam que "a maternidade inclui um luto de si; uma constante demanda por abrir mão de sua subjetividade para cuidar de outra pessoa". Acredita-se que as mulheres nascem com esse instinto materno e o fato de abdicar de suas próprias vidas para cuidar de uma criança chega a ser considerado um ato grandioso, serve até para medir que tipo de mãe a mulher é, se ela é boa o bastante para esse posto. Além do luto, que é esse sentimento de perda e melancolia com a morte dessa mulher, para dar lugar a uma nova imagem feminina, mais forte e resiliente, tem também o evento traumático do parto, que para muitas mulheres

[4] Apesar do reconhecimento de paternidade ser um procedimento simples e com pouca burocracia, o índice de crianças sem o nome do pai na certidão de nascimento cresceu pelo quarto ano consecutivo no Brasil. Quase 100 mil crianças nascidas em 2021 não têm o nome do pai no registro civil e, neste domingo (8), quando é celebrado o Dia dos Pais, não terão a figura paterna ao lado. Os dados são da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil). Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/numero-de-criancas-sem-o-nome-do-pai-na-certidao-cresce-pelo-4-ano-seguido/>

pode ser visto como um momento mágico, mas a realidade é que essas mulheres suportam 57 unidades de dor, que é equivalente a dor de ter 20 ossos quebrados de uma vez só, algo bastante traumático para o corpo e para o psicológico.

> ele precisa saber que dar o peito pode sangrar para
> algumas mães,
> empedrar para outras,
> ele precisa saber
> que a chuva traz paz só pra quem mora no topo (BEI, 2017, p. 63).

Em um relato de experiência publicado por Sacco, Schiavon e Carvalho (2018) elas abordam que "as dificuldades na amamentação, [...] se tornava um disparador para uma série de sentimentos negativos como insegurança, medo, culpa, entre outros". O que não dizem da maternidade é que pode ser que não seja tão belo como parece, algumas mães amam seus filhos, mas não partilham do mesmo gosto pela maternidade. As costas, os seios, as pernas, o corpo inteiro dói, inclusive a mente, por conta da exaustão dos dias pós-parto, as mães que não partilham de uma rede de apoio sofrem muito mais, porque são sobrecarregadas. A dor não é só física, muitas mulheres sofrem com a depressão pós-parto e, além disso, precisam lidar com a pressão dos familiares e do entorno. O autocuidado é deixado para segundo plano e a mulher que ali habita não tem escolhas, ela precisa criar o filho que acabou de parir, ela precisa estar pronta para tudo, cobram-lhe, inclusive, que o instinto materno responda todas as dúvidas.

> - isso é
> tristeza pós-parto, seu corpo fez muita força.
> mas deus é grande
> essa dor
> passa rápido
> e agora você precisa ficar forte
> para cuidar do seu
> bebê. - a enfermeira disse (BEI, 2017, p.65).

Se para uma mulher adulta a gravidez pode ser traumática e dolorosa, para uma adolescente deve ser completamente assustador, visto que o corpo e a mente ainda se encontram em processo de maturação. Para a personagem anônima de Bei, o trauma é maior, já que, além de ter sido uma gravidez no período da adolescência e nada desejada, essa criança é fruto de uma violência sexual. Bei traz para a narrativa a voz da personagem, que entre o pensar e o dizer, prefere pensar, pois como dizer para o seu filho que o pai é um estuprador?

> seu pai foi um
> namoradinho meu que eu
> traí e que ficou tão puto com o seu ego de macho que me
> arrombou as pregas com faca no meu pescoço,
> o covarde,
> me deu um chute
> na barriga que ficou a marca e você nasceu,
> 9
> meses
> depois. foi a minha primeira vez, pensei seriamente
> em
> aborto.
> mas não tive Coragem
> pra dizer
> Estupro
> então eu disse:
> fiz sexo.
> e a minha família falou:
> - se foi mulher pra fazer vai ser mulher pra criar (BEI, 2017, p.100).

Nesta passagem do livro, a menina que havia engravidado na adolescência, foi forçada a acelerar o seu processo de maturação para tornar-se mãe, nota-se, inclusive, que a fala da personagem é totalmente diferente, há uma certa raiva e revolta, aquela menina que antes era feliz é obrigada a viver na amargura e na solidão, lugar no qual o estupro a deixou. A personagem principal de Bei, preferiu guardar esse segredo e assim o fez durante toda a sua

vida, tomando para si a responsabilidade de carregar um fardo contendo muita dor e sofrimento. Ela foi estuprada e teve que carregar por 9 meses o fruto dessa violência, sua vida foi extremamente modificada e as suas prioridades passaram a ser outras, como a tentativa de amar seu próprio filho.

O período gestacional é bastante romantizado, fala-se muito sobre o vínculo entre o bebê e a mãe durante a gestação, de fato há um vínculo fisiológico, mas não necessariamente um vínculo de amor. O evento traumático que a personagem sofreu impedia-a que esse vínculo fosse facilitado e natural, inclusive, percebe-se a ausência de relatos dessa gravidez na narrativa, a pausa entre a cena do estupro e a passagem com o relato do parto, é vazia, deixando brechas para a imaginação e concepção do leitor, sabe-se apenas que o parto foi doloroso, exaustivo e até problematizador, já que a personagem levanta algumas questões importantes:

> - é um menino - o médico disse
> e colocou o bebê
> no meu colo.
> eu estava chorando
> de cansaço
> olhei praquela criança
> também chorosa, ela que
> não fazia ideia
> do que é no mundo nascer um menino,
> alguém precisa contar da outra parte, doutor,
> as mulheres abusadas nas trincheiras e
> nos viadutos
> não estão nos livros de história
> os ditadores sim
> todos em itens
> numa longa biografia (BEI, 2017, p.61).

A mãe é a grande protagonista desse evento, seja ele traumático ou não. Ela é o pilar desta estrutura, pois é ela quem carrega o bebê durante os nove meses, é quem alimenta, quem acalenta e quem de fato protege. As mulheres abdicam das suas noites de sono, do

autocuidado, do prazer sexual, dos seus planos e sonhos, de modo geral, da sua vida inteira para gerar e gerir uma nova vida. O que é menos difícil quando o amor aparece instantaneamente no primeiro contato, o que não é o caso da personagem de Bei, que não conseguia olhar para o próprio filho sem relacioná-lo àquela noite de horror.

> eu desejo para ele o pior, tenho rancor e te olhar
> é
> a coisa mais Difícil
> porque você lucas
> é a cara do Pedro
> tem o olho
> do Pedro
> a boca, o cabelo, o jeito de andar e te ver acordando, te ver
> passando por mim na cozinha
> é reviver aquele maldito dia em segredo, diariamente,
> com o fruto dentro
> da minha cabeça sem saber (BEI, 2017, p.101).

A partir disso, a personagem passa a culpabilizar-se por não conseguir estabelecer um vínculo materno com o seu próprio filho: "nada/ justifica a minha ausência, se decidi ter o filho" (BEI, 2017, p.123). A relação entre os dois é conturbada desde a infância de Lucas até a vida adulta, a narrativa expõe a instabilidade na relação entre mãe e filho, e todos os acontecimentos que são desenvolvidos a partir desse contexto, foram desencadeados pelo trauma causado após a violência física e sexual, "o problema mesmo foi a falta/ também de amor" (BEI, 2017, p.130). Bei consegue tratar essa temática polêmica de maneira bem poética e sutil, mesmo que a narrativa seja forte e profunda, ela consegue trazer uma leveza ao problematizar a maternidade. Um tema como esse ainda é muito silenciado, por se tratar de um grande tabu para a sociedade, "desromantizar" a maternidade não é uma tarefa tão fácil. E só o fato da literatura contemporânea abordar essa temática já dá para considerar como um grande avanço. Afinal, essa personagem anônima de Bei, é uma figura feminina que representa milhares de mulheres pelo mundo todo.

## 5. “O nada absoluto que me soa como belo”: a morte e as suas interfaces

A relação da personagem com a morte começa muito cedo, ainda na infância e durante toda a narrativa essa temática é bastante evidente, pois a todo momento ela relaciona tudo com a morte, como se tivesse um significado banal, como se não entendesse de fato a profundidade e o significado da palavra. É como se a criança interior da personagem falasse por ela na vida adulta, pois a morte é apresentada de forma rasa e muitas vezes até sem nexo com o contexto durante a narrativa: “a verdade/ estava morta” (BEI, 2017, p.101), na verdade há uma dualidade, pois o que visivelmente é aparentemente raso, comporta um significado bastante profundo.

> aconteça o que que acontecer um morto está
> morto, não há urgência que o faça levantar ou
> ser triste
> tampouco alegre, é o nada absoluto que
> me soa como belo, e se eu
> me matasse? (BEI, 2017, p.77)

Essa característica é fundamental para a narrativa com a tentativa de metaforizar a reflexão sobre a morte. Na verdade, o termo morte aparece repetidamente com a finalidade de enfatizar que fora tão traumático na infância perder a melhor amiga Carla, seu Luís e até na sua juventude, em que qualquer outra perda tinha a mesma magnitude, ou melhor dizendo, a mesma dor: “e que a morte tenha lhe doído em detalhes, ainda que ele esteja vivo” (BEI, 2017, p.101). O contato com a morte foi tão precoce ao ponto de torná-la natural? Ou então uma solução para os seus problemas?

> ele não queria parar o vídeo game, me explicou que o
> boneco
> podia morrer
> lembrei do seu luís dizendo
> há tanto tempo quando eu

era mais jovem do que meu próprio filho, ele dizia que,
tudo
o que é vivo
morre, mas morrem também os virtuais, seu luís.
também as coisas
a minha televisão, por exemplo,
está morta
desde domingo
ressuscitei agora em 15 minutos lendo o manual
apertei ON pelo controle remoto:
funcionou e quanta gente triste
dentro da TV (BEI, 2017, p.73).

Na medida em que a sua vida vai saindo do eixo, ou fugindo do seu controle, a personagem conecta essas causalidades com a morte. A morte vai ganhando sentido na rotina dela e torna-se quase sempre uma solução para qualquer objeção que surge em sua vida. O título da obra já faz essa relação com o "peso" da morte. A autora escolhe esse título a partir de uma experiência pessoal, pois o primeiro contato com a morte ainda criança, foi sentir o peso do pássaro morto em sua mão, que de tão assustado não resistiu, morreu. Mas em uma passagem do romance Bei traz uma reflexão relacionada aos pássaros mortos, "penso/ que nunca/ vou esquecer a morte/ daqueles pássaros" (BEI, 2017, p.97).

o lucas e os amigos
bolaram um plano de matar
passarinhos,
eles gostam de ver
brutalmente interrompido
algo delicado que estava em
Movimento

a pedra no céu

a pedra no estilingue

a pedra no corpo
o corpo
no chão e

a pedra,
que já não interessa mais, cumpriu sua função de
ponte (BEI, 2017, p.82 e 83).

O trecho destacado do romance exprime a característica literária de Bei, a questão é tratada de forma poética e ela ainda brinca com os espaços da página, tratando de um tema problemático com muita sutileza e reflexão. Mas, por outro lado, a profundidade da passagem desmonta mais uma vez a narrativa, levando o leitor para um lugar de impotência, percebe-se o desespero de uma mãe, que não fazia ideia de quem estava criando e que nunca imaginaria que o filho fosse capaz de pensar assim, ainda que fosse fruto de um abusador.

o que eu estava criando,
um monstro?
que enterra
a morte prematura
num evento pra convidados que pensam isso é coisa
de
criança? (BEI, 2017, p.85).

O peso do pássaro morto, assassinado pelo seu próprio filho a quem temia gerar e amar, traz à tona os traumas da violência, “o pai do lucas/ dentro dele”, das suas perdas “é o lugar onde nasce/ a dor”, além da autoculpabilização “o que eu estava criando,/um monstro?”.

## 6. Um corpo de mulher, um corpo de texto no mundo

Um grande ponto da obra de Bei é a relação entre a mulher, a escrita e a mulher escrita. Isso porque o romance trata temas bastante pertinentes sobre a vivência feminina. A personagem principal é uma mulher anônima, considera-se, inclusive, uma representação de

muitas mulheres que no anonimato vivenciam o luto, a maternidade, a violência física e moral, entre outras objeções em uma sociedade completamente patriarcal, machista e misógina. Na contemporaneidade, as mulheres ganham espaço na literatura, além de personagens protagonistas nas obras, elas tomam espaço na escrita, mulheres passaram a escrever e sobre mulheres.

É possível identificar na obra de Bei, a valorização da escrita como forma de expressar o sentimentalismo e os traumas, além de externalizar as dores através das palavras. Assim como a própria autora faz, quando decide colocar em discussão temas profundos sobre a existência feminina na obra, o que antes era incômodo em sua mente, hoje proporciona uma reflexão mútua (autor/leitor). A professora Jocelaine Oliveira dos Santos, fala sobre essa relação entre a personagem de Bei e a escrita:

> Escrita, vazio e trauma encontram-se, portanto. Pela pulsão e pela tentativa de algum parco domínio sobre o Real. A escrita feminina, assim, aponta a um desejo de conciliação impossível entre o princípio de realidade e de prazer, rasuras marcadas pelo inacessível e inabordável da alma humana, que precisa do simbólico sempre parcial (DOS SANTOS, 2021, p.59).

A personagem expressa, através da escrita, as suas dúvidas, suas dores, suas certezas e incertezas, em dois momentos na obra. Aos 8, ela escreve uma redação na escola "A cura não existe", fugindo da proposta que havia sido pedida, a nota não foi tão alta, "tirei 4/ e meio com um bilhete dizendo que não estava bem/ escrito mas eu gostei"(BEI, 2017, p.35). A inocente menina queria achar uma cura para a morte "- mas então a gente pode/ Colar a carla de volta! o senhor Benze e/ pronto!, ela Vive de novo" (BEI, 2017, p.24). Seu Luís explicou: "- é uma Pena,/ mas eu não sei fazer a morte/ parar, a sala ficou um Luto"(BEI, 2017, p.24). A redação é uma forma que a menina encontra para expressar a sua concepção de que a cura para morte não existe. O segundo momento é quando a personagem escreve uma carta contando todos os seus segredos, o que há muito tempo estava corroendo a sua própria alma, por não conseguir falar, a escrita foi a melhor maneira de descarregar o peso da dor traumática de sua vida inteira até aquele momento.

estava morta
de tão trancada que ficou por esses anos.
escrever eu consegui
mas a carta eu
fiz morrer
numa casa com placa de aluga-se na rua mato dos
santos. passava por ela a caminho do trabalho
e minha vista grudava na velhice daquele lugar
que já deve ter visto tanto com paredes, minha
história seria só mais uma
pra casa guardar. (BEI, 2017, p. 101 e 102).

A grande questão é: se a morte estava tão próxima e tão evidente em sua vida, como seria se ela fosse a sua própria protagonista? Sabe-se que ela morre, que o fim para sua vida chega, mas não se sabe de fato se foi suicídio, é apenas uma teoria baseando-se no sentido metafórico, de que escolheu deixar-se morrer, "o Vento estava em casa esperando e isso a deixou tão/ feliz que ela não acordou, não pôde,/ nem o gorfo conseguiu e então/ nunca mais." (BEI, 2017, p.158). Vento era o seu cachorro, talvez tenha sido a sua última esperança de vida, mas como o seu destino era o luto, o velho Vento ali também não permaneceria.

A existência feminina é retratada na obra de forma poética e profunda, Bei é uma autora contemporânea que expressa os anseios, os medos, o luto e melancolia presentes no cotidiano das mulheres, o anonimato representa justamente a possibilidade de conexões e identificações por parte das mulheres, seja através da maternidade, do abuso sexual, ou das desilusões do dia-a-dia. A escrita é mediadora do sentimento e das experiências da personagem, com a mulher autora e a mulher leitora, considero, inclusive que essa troca mútua favorece o fortalecimento do protagonismo feminino.

## 7. Considerações finais

É impossível medir ou determinar qual trauma vivenciado pela personagem é causador de sua amargura e de seu destino fatal. A personagem anônima "morreu" várias vezes e por vários motivos, só lhe faltou morrer de amor. As perdas, a violência física, psicológica e

sexual, além do abandono e da solidão, a autoculpabilização ao exercer o papel de mãe, o desamor, o rancor, a melancolia, o luto e a depressão são fatores que representam a vivência da personagem principal de Bei. Os momentos leves e felizes ficam apenas nas primeiras páginas do romance e somente na infância. Enquanto isso, ao modo em que a narrativa vai ganhando espaço, a personagem encontra-se sempre numa posição de sofrimento, evidenciada a cada linha. A sociedade em diferentes espaços enfrenta muitas objeções sociais, econômicas e políticas, as dificuldades da vida mundana tomam espaços na escrita e os relatos da existência e do sentido da vida tornam-se temas da contemporaneidade.

Desse modo, a questão feminina é um tema forte e necessário para discussão em literatura, Bei faz isso com muita maestria, quando aborda todos os fatores da existência da personagem anônima, através do significado da morte, afinal, o que é morrer? No seu sentido literal é perder a vida, desaparecer, sumir, para Bei que aborda no sentido figurado, é tudo o que não pertence mais a personagem. Para a violência sexual, a morte da juventude, para o rancor, a morte do respeito, para o abandono, a morte do afeto, para o medo, a morte da coragem, para o fim, a morte da sua própria vida. A maneira com a qual a autora discute a morte, sempre usando um sentido metafórico, é fundamental para discutir temas tão graves, Bei entrega a sua obra com a finalidade de promover reflexões acerca da temática feminina, apagar do imaginário social os tabus relacionados às mulheres, além de propor uma construção social menos misógina e machista, através da escrita.

**Referências Bibliográficas**

ALFELD, E. Poética da rememoração: o processo criativo de O peso do pássaro morto. **Manuscrítica: Revista de Crítica Genética**, *[S. l.]*, n. 43, p. 54-72, 2021. DOI: 10.11606/issn.2596-2477.i43p54-72. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/184112. Acesso em: 24 maio. 2022.

ANDRADE, V. M. B. (org). **Novo dicionário de migalhas da psicanálise literária** [recurso eletrônico] /– Belo Horizonte: Cas'a'screver, 2016.

BEI, A. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: editora Nós, Edith, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015

CARVALHO SANTANA, K. O vivenciar do luto na infância. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, *[S. l.]*, v. 13, n. edespmulti, 2022. Disponível em: https://revista.faema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/1028. Acesso em: 25 maio. 2022.

CARVALHO, Janine Pestana; SCHIAVON, A. A.; SACCO, Airi Macias. **A romantização da maternidade: uma forma de opressão de gênero**. Campina Grande: Realize, 2018.

CÉSAR, R.C.B; LOURES, A.F.; ANDRADE, B.B.S. A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. Revista Mosaico 2019 Jul./Dez.; 10 (2): **SUPLEMENTO** 68-75

COMBINATO, D. S., QUEIROZ, M. de S. (2006). Morte: Uma Visão Psicossocial. **Estudos de Psicologia**, 11(2),209-216.

DOS SANTOS ESTEVES, Natacha; DOS SANTOS COQUEIRO, Wilma. "A cura não existe": depressão, melancolia e suicídio no romance O peso do pássaro morto, de Aline Bei. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 17, p. 107-116, 2020.

DOS SANTOS, Jocelaine Oliveira.. Morte Violência e devastação em O peso do pássaro morto, de Aline Bei. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 36, p. 53-67, 2021.

FIGUEIREDO, E. Violência e sexualidade em romances de autoria feminina. **Revista Interdisciplinar**. São Cristóvão: UFS, volume 32, jul-dez, p. 137-149, 2019.

FIGUEIREDO, E. **Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras**. Porto Alegre: Zouk, 2020.

FREUD, S. (1917/1996). Luto e melancolia. **Obras completas**, ESB, v. XV. Rio de Janeiro: Imago

GOMES, C. M. O femicídio na ficção de autoria feminina brasileira. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, UFSC, n. 22, v. 3, p. 781-794, set/dez, 2014.

GOMES, C. M. O corpo feminino como intertexto moral do feminicídio. **Revista Fronteira Z**: Revista do Programa de Estudos Pós-graduado em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, n. 26, p. 150-164, julho de 2021.

KRISTEVA, J. **Sol Negro**: depressão e melancolia. Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

NAVES, E. T. A mulher e a violência: uma devastação subjetiva. **Revista Subjetividades**. Fortaleza, 14 (3): 454-462, dezembro, 2014.

XAVIER, E. **Que corpo é esse? o corpo no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.